



Boletim do Museu Paraense Emílio
Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

boletim.humanas@museu-goeldi.br

Museu Paraense Emílio Goeldi
Brasil

Turazzi, Maria Inez

Os estudos comparativos e os desenhos 'imparciais e singelos' de Antonio Lopes Mendes
no Brasil (1882-1883)

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 9, núm. 2, mayo-
agosto, 2014

Museu Paraense Emílio Goeldi
Belém, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394035003007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re^oalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**Os estudos comparativos e os desenhos ‘imparciais e singelos’ de
Antonio Lopes Mendes no Brasil (1882-1883)**
The comparative researches and the ‘impartial and simple’ drawings of
Antonio Lopes Mendes in Brazil (1882-1883)

Maria Inez Turazzi

Museu Imperial. Instituto Brasileiro de Museus. Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O artigo analisa a singularidade de Antonio Lopes Mendes (1835-1894), agrônomo português que viajou por seu país e pelo mundo (especialmente Índia e Brasil) integrando missões científicas e comerciais. Essa experiência resultou em abundante material textual e iconográfico, ainda pouco estudado. Como outros ‘homens de ciência’ e politécnicos de seu tempo, Lopes Mendes demonstrou notória sensibilidade para a expressão visual, realizando estudos comparativos com a ‘imparcialidade’ e a ‘singeleza’ de seu traço. Desenhista atento, metuculoso e prolixo, ele esteve no Brasil entre 1882 e 1883, quando percorreu várias províncias do país e, mais detidamente, a região Norte. As descrições textuais e visuais que compõem suas observações de campo nos ajudam a compreender a interdisciplinaridade do conhecimento científico, assim como sua constituição e comunicação pelas artes visuais no século XIX.

Palavras-chave: Expedições. Viajantes. Artes visuais. Desenhos. Geografia. Coleção Geyer.

Abstract: This article analyses the singularity of Antonio Lopes Mendes (1835-1894), a Portuguese agronomist who travelled his own country and around the world (especially India and Brazil) joining scientific and commercial missions. This experience resulted in an abundant textual and iconographic documentation, still barely studied. Like other ‘men of science’ and polytechnicians at the time, Lopes Mendes showed a notorious sensibility for visual expression, making comparative researches with the ‘impartiality’ and ‘simplicity’ of his drawings. As an attentive, meticulous, and productive drawer, he stayed in Brazil between 1882 and 1883, going through many regions of the country, and closely examined the North. The visual and textual descriptions of his fieldwork help us understanding the interdisciplinary nature of the scientific knowledge, as well as its structure and communication through visual arts in the 19th century.

Keywords: Expeditions. Travellers. Visual arts. Drawings. Geography. Geyer Collection.

TURAZZI, Maria Inez. Os estudos comparativos e os desenhos ‘imparciais e singelos’ de Antonio Lopes Mendes no Brasil (1882-1883). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 9, n. 2, p. 361-382, maio-ago. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222014000200007>.

Autor para correspondência: Maria Inez Turazzi. Rua General Glicério, 364, apto. 301. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP 22245-120 (mi.turazzi@gmail.com).

Recebido em 14/05/2013

Aprovado em 16/07/2014

INTRODUÇÃO

Em uma pequena caderneta de campo, medindo 16 x 10 cm, o português Antonio Lopes Mendes (1835-1894) reuniu anotações e noventa e cinco minuciosos desenhos de sua autoria sobre a viagem que realizou pela América do Sul, entre os anos de 1882 e 1883. A preciosidade foi adquirida em Portugal, em 1973, pelo empresário brasileiro Paulo Fontainha Geyer e, em 1999, foi doada ao Museu Imperial, juntamente com toda a brasileira garimpada pelo colecionador e sua esposa ao longo de uma vida em comum. A doação representou um dos mais importantes legados ao patrimônio cultural brasileiro e foi amplamente noticiada pelos meios de comunicação do país¹.

A coleção Geyer, ainda pouco estudada, é um patrimônio documental que transcende as fronteiras nacionais e, por isso mesmo, é capaz de alimentar e renovar as dinâmicas culturais entre indivíduos e comunidades de diferentes latitudes do planeta. Compõem a coleção Geyer cerca de mil e duzentas obras iconográficas e cartográficas (emolduradas ou avulsas), às quais se somam mais de duas mil publicações, entre álbuns ilustrados, relatos de viagens, relatórios de expedições, catálogos de exposições, ensaios, biografias e outras obras raras, em grande parte estrangeiras.

Lopes Mendes escreveu seu diário de viagem com a intenção de publicá-lo em forma de correspondência, isto é, destinando cada trecho do relato a um conterrâneo, como uma espécie de homenagem². Seis cartas foram efetivamente enviadas para o grande amigo Augusto Cesar da Silva Mattos, em Portugal, e por ele publicadas no jornal

Occidente, em 1883. As outras cinquenta e duas foram conservadas em poder de Lopes Mendes até 2 de maio de 1892, sendo então doadas à Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL). Dirigindo-se a Luciano Cordeiro, secretário perpétuo da SGL, ele escreveu:

(...) Venho hoje, que se trata de comemorar a Descoberta da América e de fazer a 10^a sessão do Congresso Internacional de Orientalistas em Lisboa, depositar, embora tarde, nas mãos de V. Ex^a, os autógrafos dos meus Diários, grupados em 52 largas cartas, incluindo a carta Introdução, inéditas e numeradas, abrangendo 337 meias folhas de papel almaço, que escrevi e ilustrei com mapas e centenas de desenhos comprovativos, das quais apenas alguns trechos e esboços foram publicados durante a viagem no Occidente, de Lisboa, em vários jornais do Novo Mundo e no jornal Le Brésil, de Paris.

As cartas corográficas e os desenhos e fotografias que possuo, bem como as notas referentes ao estado atual dos países visitados, enviá-las-ei a essa secretaria [da SGL] logo que estejam devidamente coordenadas, ou quando porventura a nobre Sociedade julgar conveniente a sua publicação (ALM, 2 maio 1892 *apud* Geyer, 1988, p. 9)³.

Em 1893, as 'cartas' doadas à SGL começaram a ser publicadas no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. No ano seguinte, quando eram revisados os originais de Lopes Mendes para a continuidade da série, o viajante faleceu. Mas os arquivos da entidade, disponíveis à consulta, não oferecem hoje qualquer indicação desses manuscritos. A pesquisa realizada e a elaboração deste artigo motivaram a instituição a iniciar uma busca que, no

¹ Essa doação engloba um dos maiores conjuntos, até então em mãos de particulares, de óleos sobre tela, desenhos, gravuras, litogravuras, álbuns e livros de viagem sobre o Brasil, e em especial o Rio de Janeiro, produzidos por artistas estrangeiros e viajantes de toda sorte que estiveram no país entre os séculos XVI, XVII, XVIII e, sobretudo, o XIX. Ela também inclui a própria residência do casal, na cidade do Rio de Janeiro, localizada em terreno de mais de dez mil metros quadrados, aos pés do Corcovado, com seus móveis, cristais, tapetes, prataria e outros objetos decorativos, tão formidáveis como toda a brasileira ali reunida. Inventariar e estudar esse acervo, além de rara oportunidade profissional, tem representado um grande desafio. Entre outros motivos, porque essa tarefa abriu novos "horizontes visuais" para uma trajetória de pesquisa centrada até então no estudo das imagens fotográficas do século XIX, em uma perspectiva interdisciplinar e transnacional (Turazzi, 2009).

² Em nota, o Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa (1894) esclarece que as "dedicatórias" das cartas publicadas após o falecimento de Lopes Mendes foram encontradas em anotações de seu próprio punho e só por isso puderam ser acrescentadas às provas tipográficas do boletim, não mais revisadas por seu autor a partir dali.

³ Neste artigo, as citações do diário de viagem de Lopes Mendes foram transcritas da edição do colecionador, depois de cotejadas com a publicação de época no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa.

entanto, até agora não se mostrou frutífera. De qualquer modo, sabemos que Lopes Mendes conservou para si a pequena caderneta de campo com os desenhos realizados durante a viagem, e que a notícia de sua existência em mãos de uma sobrinha do viajante consta do estudo pioneiro de Carlos de Azevedo (1955) sobre o tema. Essa parece ter sido a informação que levou Paulo Geyer a adquirir e incorporar o material, assim como o próprio texto de Carlos Azevedo, à sua já famosa brasileira.

A caderneta de Lopes Mendes passou a ser, desde então, uma das raridades da coleção Geyer e mereceu, em 1988, uma edição organizada e patrocinada pelo próprio colecionador, reproduzindo a cores, em tamanho fac-similar, os desenhos que, até então, ainda se mantinham parcialmente inéditos (Geyer, 1988). A obra reproduz as cartas de Lopes Mendes publicadas no jornal *O Occidente*, em 1883, com as estampas impressas a partir de seus desenhos, bem como a quase totalidade das cinquenta e duas cartas publicadas no *Boletim da SGL*, entre 1893 e 1896. Os trechos do relato de Lopes Mendes que se referem à partida de Lisboa e, no continente americano, às incursões pelo Uruguai, Argentina, Chile e Peru não foram incluídos na publicação, já agora merecedora de uma reedição atualizada, que, esperamos, seja realizada em futuro próximo.

Para editar as cartas de Lopes Mendes no Brasil, o seu conteúdo foi microfilmado em Lisboa e depois transcrito no Brasil pelo médico e historiador Paulo Berger, colaborador de Paulo Geyer. Um trabalho de fôlego, pioneiro e louvável que, no entanto, constatamos nesta pesquisa ser incompleto, pois não encontramos ali referências precisas das fontes documentais e bibliográficas que lhe serviram de base, estando ausente também uma parte da correspondência, a data e a paginação do *Occidente* e do *Boletim da SGL* (Figura 1).

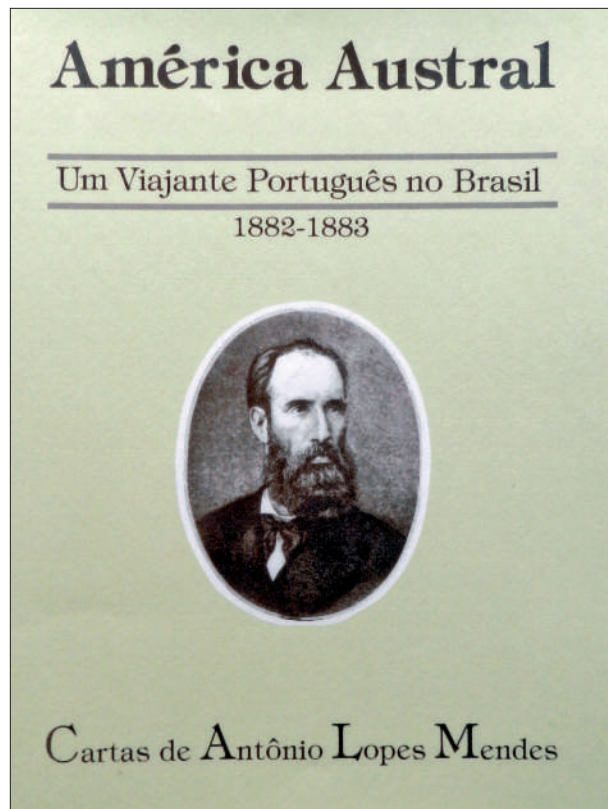


Figura 1. Capa da obra publicada pelo colecionador Paulo Geyer, "América Austral – um viajante português no Brasil: 1882-1883: cartas de Antônio Lopes Mendes" (Rio de Janeiro, 1988). Fonte: Coleção Geyer, Museu Imperial/Instituto Brasileiro de Museus, Petrópolis, Rio de Janeiro.

Com esse histórico, o que pretendemos esclarecer é que as missivas originais não foram 'adquiridas' pelo colecionador Paulo Geyer, como aparece mencionado em algumas publicações⁴. A informação é necessária para resguardar a verdadeira dimensão da coleção Geyer e, simultaneamente, para apontar os objetivos deste artigo, já que os desenhos e os escritos de Lopes Mendes não são inéditos e constituem, hoje, um acervo relativamente conhecido⁵. Entretanto, a biografia desse

⁴ O belo catálogo da biblioteca Erico João Siriuba Stickel contém esta incorreção, ou pelo menos uma ambiguidade, ao indicar que "o bibliófilo Paulo Geyer, do Rio de Janeiro, adquiriu em 1972 a correspondência original [sic] e os desenhos a lápis de cor que relatam uma viagem do Rio de Janeiro a Manaus pelo médico veterinário português Antônio Lopes Mendes (1834-1894). Nesta bela edição, reproduz a correspondência completa e todos os notáveis desenhos em tamanho natural, dos quais alguns a nanquim e quase todos das cidades percorridas, suas igrejas e arquitetura. Muito interessante" (Stickel, 2004, p. 336).

⁵ Para uma lista das publicações de Antonio Lopes Mendes, ver Apêndice neste artigo.

'desenhador-viajante' e a singularidade de sua experiência no Brasil, além de muitos aspectos objetivos e simbólicos dos documentos em pauta, não receberam a atenção que merecem, o que acabou motivando a pesquisa que resultou nestes apontamentos.

A escolha e o recorte deste tema têm relação, portanto, com o trabalho de curadoria e com outros projetos de investigação inspirados pelo acervo do Museu Imperial. Além da caderneta pertencente à coleção Geyer, com os noventa e cinco desenhos dos lugares percorridos por Lopes Mendes em nosso país, a biblioteca do Museu Imperial também possui outra obra rara, de sua autoria (Mendes, 1892). Cientistas e exploradores de diferentes latitudes que passaram pelo Brasil foram observadores capacitados e pragmáticos, que não raro transformaram a experiência visiva nos trópicos em laboratório de estudo para as ciências sociais e econômicas, para a política e a diplomacia (Belluzzo, 1994; Driver e Martins, 2005). Relacionar a formação técnico-científica e as habilidades artísticas daqueles que produziram a vasta iconografia brasileira dos séculos XVI ao XIX, hoje reunida em nossas 'brasílicas', constitui um terreno fértil para a interpretação das imagens que esses indivíduos nos legaram com o traço, o pincel ou a câmara fotográfica (Turazzi, 2009).

IMAGEM, CONHECIMENTO E EXPERIMENTAÇÃO

Este artigo se desenvolve em torno da biografia e da experiência de Antonio Lopes Mendes na observação e documentação *in situ* de suas viagens e de sua estada no Brasil. Reconhecido pelos contemporâneos como um desenhista atento, metódico e prolixo, ele esteve na América do Sul, entre outubro de 1882 e setembro de 1883, período em que se deteve na cidade do Rio de Janeiro,

antes de percorrer províncias do centro-sul do país (Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina) e depois seguir viagem para a Amazônia, região onde há tempos tinha planos de atingir o rio Xingu, àquela altura um destino ainda desconhecido pelos contemporâneos e, portanto, um desafio aos exploradores da época.

Por outro lado, este artigo é também o desdobramento de um projeto mais amplo envolvendo as relações entre Brasil e Portugal nesse período⁶. Essa pesquisa compreendeu o estudo de experiências visuais, cognitivas e tecnológicas da década de 1880, nos dois países, a fim de apontar, pelo exercício da comparação e confrontação, o hibridismo de tradições, inovações e experimentações no mundo das imagens que integravam o conhecimento científico da época. A análise da experiência de Lopes Mendes concentrou-se, assim, no estudo de sua narrativa textual e visual como exemplo da convergência de múltiplas tradições de aprendizagem, transmissão e valorização da cultura técnico-científica pela imagem visual (desenho, gravura, fotografia etc.).

Essas conexões atribuem significado especial aos desenhos de Lopes Mendes, observados aqui como um patrimônio cultural transnacional. Nesse sentido, a análise do "mundo visual oitocentista" que chegou aos nossos dias, orientada por uma concepção problematizadora e interpretativa da História, identificou nessas imagens o suporte material de experiências inovadoras e múltiplas implicações cognitivas, em tempos e espaços diversos. Uma das formas de observá-los consiste, portanto, em interligar três grandes coordenadas: o 'visual', o 'visível' e a 'visão' (Meneses, 2005, p. 33-56), tendo como pano de fundo as relações entre imagem e conhecimento, fotografia, ciência e arte no século XIX.

O retrato mais conhecido de Lopes Mendes é, em si mesmo, um elemento bastante sugestivo para o exercício

⁶ O projeto "Imagem, conhecimento e experimentação: um estudo comparativo nos oitocentos", concebido como pós-doutoramento junto à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, durante o ano de 2012, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), contemplou o levantamento de informações relativas a Lopes Mendes em instituições portuguesas que complementassem o acervo existente no Museu Imperial.

de tais conexões (Figura 2). Publicado na folha de rosto de sua obra mais conhecida (“A Índia portuguesa”), ele tem a marca de autoria do gravador Francisco Pastor (1850-1922), espanhol de nascimento que há tempos se tornara um dos mais célebres retratistas de periódicos em atividade na capital portuguesa. Ainda assim, podemos imaginar que os elementos característicos da fisionomia ali individualizada tenham sido objeto de uma delicada ‘negociação’ entre o retratado e o retratista, dois mestres do traço. Negociação, por sinal, iniciada ainda no estúdio do fotógrafo onde Lopes Mendes posou para a imagem fotográfica que serviu de base à gravura⁷. Como em todo retrato do gênero, e ainda mais neste caso, a estampa na abertura da publicação representa não somente a figura de seu autor, mas também a imagem de si que o viajante e desenhista queria dar a ver para seus contemporâneos e para a posteridade.

Diante da paisagem exótica projetada ao fundo, acrescentada pelo traço do gravador, Lopes Mendes enverga uma indumentária apropriada às explorações de campo, munido de seu inseparável lápis de trabalho e da “pequena maleta que em viagem usamos ao tiracolo” (ALM, 6 jul. 1883 *apud* Geyer, 1988, p. 101). Como seus escritos atestam, ele traz a lembrança de um conterrâneo lendário como inspiração: o navegador Fernão de Magalhães (1480-1521), o “mais proeminente herói da epopeia marítima”, nascido na vila de Sabrosa, em Trás os Montes, personagem que,

depois de um ano e de lutas de todo gênero, sem nunca poderem abater o seu ânimo de bronze, conseguiu encontrar o estreito que tem hoje o seu nome ao sul da América, e a sua expedição realizar a maior de todas as façanhas, dando a volta ao mundo! (ALM, 28 mar. 1883 *apud* Geyer, 1988, p. 85).

Como será visto mais adiante, o trasmontano Lopes Mendes, viajante de seu tempo, aliou a emergente racionalidade científica e tecnológica dos oitocentos ao imaginário secular da epopeia marítima portuguesa.

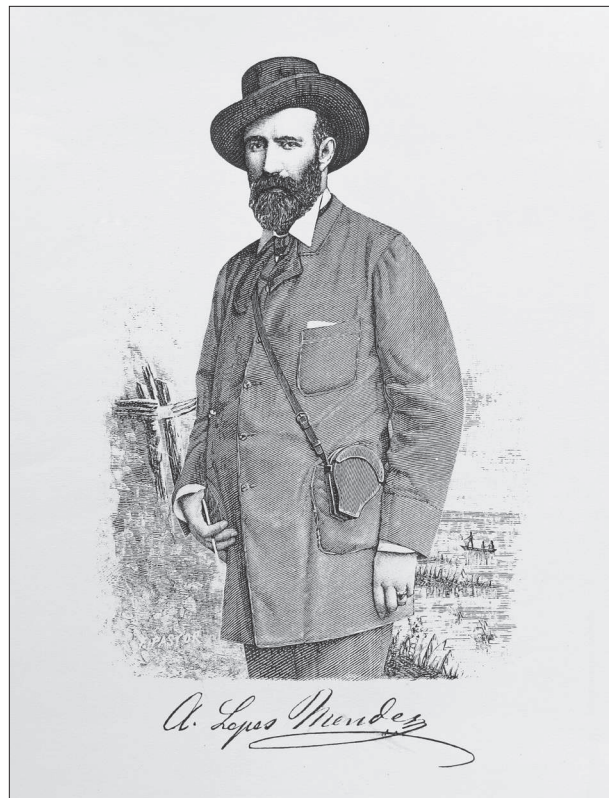


Figura 2. Retrato e assinatura de Antônio Lopes Mendes publicados em “A Índia portuguesa; breve descrição das possessões portuguesas na Asia” (Lisboa: Imprensa Nacional, 1886). Reprodução a partir da edição fac-similar publicada pela Fundação Oriente (Lisboa, 1992).

Filiando-se à já longa tradição dos desenhos tomados em viagens exploratórias, a caderneta de campo de Lopes Mendes constitui uma narrativa circunstanciada e testemunhal do conhecimento e da experiência adquiridos pela visão. Para David Topper, os documentos do gênero são uma modalidade de ilustração científica, ainda que estejamos habituados a associar esse tipo de iconografia tão somente à sua forma final e impressa, bastante difundida a partir do século XVI. No entanto, mesmo a ilustração científica tradicionalmente conhecida, embora tenha sido ‘elevada’ por boa parte da historiografia à condição de arte, acabou reduzida a uma função meramente acessória do texto escrito. Ao propor uma nova epistemologia para essas imagens, compreendidas

⁷ A fotografia, de autor não identificado, encontra-se reproduzida no catálogo do Museu Regional de Évora (1953, p. 3).

em sua variedade, complexidade e historicidade como um 'modo de pensar', com símbolos e convenções próprios, o autor também nos oferece uma outra epistemologia para as relações entre arte e ciência, igualmente renovada quanto a seus métodos e abordagens (Topper, 1996).

As imagens de Lopes Mendes, a exemplo de outros viajantes da segunda metade do século XIX, também exprimem a emergência de uma nova tradição documental, iniciada com o aparecimento da fotografia, de invenção recente. Embora ele não tenha se utilizado da câmara fotográfica para compor seu relato, a cultura a ela associada está presente em sua narrativa, como referência documental de uma experimentação do mundo delineada pelo lápis, mas observada por similaridades e distinções em relação ao processo fotomecânico (Ferguson, 1992; Turazzi, 1998). O *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1882), ao publicar um comentário sobre a habilidade para o desenho do "engenheiro agrônomo" e "infatigável explorador da Ásia" em sua passagem pelo Brasil, espelha essa convergência de tradições visivas e documentais:

Os trabalhos artísticos do nosso viajante não primam pelo *chic*, perdoem-me a palavra, do traço, nem pela graça do toque. Todo o seu grande mérito consiste em ser de uma fidelidade fotográfica obtida em poucos minutos. A infinidade de pormenores que o senhor Mendes apresenta nos seus desenhos é verdadeiramente assombrosa. Vi-o esboçar alguns episódios de paisagem, quando o trem deitava quarenta e tantos quilômetros por hora. Os seus desenhos são talvez áridos e demasiadamente geométricos; mas são magníficas bases para sobre eles desenvolver composições perfeitas e completas. Com os esboços do senhor Lopes Mendes podem ilustrar-se com exatidão as mais luxuosas obras sobre viagens (18 nov. 1882 *apud* Geyer, 1988, p. 45).

O livro "As imagens com que a ciência se faz" (Pombo e Di Marco, 2010), publicado no âmbito do projeto "A imagem na ciência e na arte", tem por premissa a constatação de que 'as ciências sempre fizeram imagens'. A obra reúne um conjunto de artigos voltados para o questionamento da função meramente ilustrativa reservada às imagens em ciência e do papel secundário atribuído à

imagem científica, quando esta é observada tão somente do ponto de vista de sua funcionalidade e tecnicidade. Como ressaltam as organizadoras na introdução, as imagens fizeram (e fazem) bem mais pela ciência do que comunicar saberes já constituídos. As ciências também se constroem com imagens na medida em que estas contribuem, a seu modo e de maneira insubstituível pela palavra, para a constituição de novos saberes. No entanto, esse 'lugar constitutivo' da imagem no universo científico ainda tem sido um tema pouco explorado, tanto pelos historiadores da ciência, quanto da imagem.

Forma e figura estão presentes na geometria grega, passando pela botânica de Lineu e a física de Newton, assim como nas células neuronais simuladas em modernos computadores, porque, para dar a ver a si mesma, a ciência se utiliza de figuras, desenhos, gráficos, mapas, estampas, fotografias, radiografias, ressonâncias e assim por diante. Contudo, as imagens não são apenas registro e veículo da comunicação em ciência. O seu lugar constitutivo nessa gama de saberes infindáveis também se conjuga com os verbos 'apreender', 'selecionar', 'observar', 'fixar', 'manipular', 'focar', 'sistematizar', 'revelar', 'desvendar', 'destacar', 'sistematizar', 'antecipar', 'experimentar' e tantos outros. Daí a questão:

Porém, todos aqueles que se ocupam da construção de imagens em ciência, tanto os cientistas, nos seus 'cadernos de campo', como os ilustradores de profissão, sempre sentiram que, ao desenhar, ao procurarem representar o visível na sua incompletude, nas suas particularidades, eram convocados a ampliar a sua capacidade de observação, a ver melhor, a enxergar o não visto. É toda a ambiguidade da palavra 'ilustração' que está aí presente. Ilustrar é iluminar. Mas iluminar para o outro ver o que nós vemos (redobrar, recordar, representar) ou iluminar para nós vermos o que nós não víamos (ampliar, fazer brilhar)? (Pombo e Di Marco, 2010, p. 10).

Diante deste questionamento crucial para o tema em pauta, os textos reunidos por Olga Pombo e Silvia Di Marco ofereceram uma contribuição metodológica inestimável para a análise do material produzido por Lopes

Mendes, pois somente com uma abordagem multifacetada e interdisciplinar parece possível abranger a

imagem em ciência em termos internos, relativos à constituição do discurso científico, aos efeitos de estabilização, reforço ou simbiose que mantém com a palavra, e externos, determinando os fatores ideológicos e estéticos que intervêm na sua produção e utilização (Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2008-2011)⁸.

Assim como o conhecimento científico, também os saberes técnicos estudados em sua materialidade (modos de constituição, expressão, conservação e difusão) exigem cada vez mais uma abordagem interdisciplinar e transnacional. As formas de criação e circulação desses saberes técnicos, a reconstituição de práticas que são a expressão do saber-fazer, a identificação de especialidades, a afirmação de identidades, a territorialidade de culturas técnicas específicas são temas que mobilizam um número crescente de pesquisadores, da mesma forma como vêm sendo aprofundados os saberes para a técnica, ou a compreensão dos diferentes suportes materiais e procedimentos metodológicos que levam à construção do saber, tendo em vista a realização de determinado objetivo (capacidades de abstração, concepção, síntese etc.).

A mudança de paradigma provocada pelas novas relações entre imagem manual (pictórica) e conhecimento foi sintetizada por Maria Lucia B. Kern (2006, p. 21-22), ao apontar:

A visão espacial em três dimensões revelou a percepção objetiva e distanciada do homem sobre seu mundo, a incessante experimentação e o domínio do conhecimento de geometria. O espaço em perspectiva, ao representar o mundo tal como se vê, se apresentava enquanto sistema plástico (de representação) e abandonava a noção de mimesis como filiação. Com isso a pintura, a partir do Renascimento, não se consolidou em saberes já estabelecidos, mas se constituiu como invenção e conhecimentos específicos de arte e ciência, necessários para a execução das obras.

As viagens de exploração, assim como as novas formas de documentação visual experimentadas desde o final do século XVIII, com o aparecimento da litografia e, posteriormente, da fotografia, ampliaram consideravelmente o conhecimento e a difusão de informações sobre diferentes aspectos do mundo físico e da vida humana em todas as regiões do planeta (Bibliothèque Nationale de France, 1998). Como já ocorria com o desenho, a gravura e a litogravura, inúmeras aplicações da fotografia, desde os primórdios de sua história, foram concebidas de modo a fomentar a circulação e o intercâmbio de informações para além das fronteiras europeias. Ultrapassando os limites do nacional, embora referida a temporalidades e a espacialidades específicas, a atividade de documentação visiva presente nas viagens exploratórias, onde se inscreve o aparecimento da daguerreotipia, em 1839, e sua introdução em diferentes países, constituiu uma das modalidades mais importantes de intercâmbio técnico-científico e cultural do século XIX.

A imagem técnica (fotográfica), filiando-se à perspectiva renascentista e, simultaneamente, explorando novas possibilidades plásticas (exatidão, tridimensionalidade, instantaneidade, velocidade etc.), estabeleceu outros paradigmas para a relação entre a representação do espaço-tempo e seu efeito estético, algo que a informática e as tecnologias da imagem digital vieram novamente subverter. Para Annateresa Fabris (2006, p. 175),

(...) a questão da imagem nos dias de hoje se configura como uma problemática bem complexa, que obriga a rever categorias e conceitos operacionais, estratégias e funções cognitivas, em virtude de uma mudança conceitual profunda, na qual se inscreve o deslocamento da "representação" para a "apresentação", do "simulacro" para a "simulação", numa atmosfera cultural que autores como Levy [Les technologies de l'intelligence. Paris: Seuil, 1993] não hesitam em definir como uma nova Renascença.

⁸ Ver ainda o Centre for Image in Science and Art – University of Lisbon (CISA-UL), uma plataforma de arquivo de imagens que tem por objetivo questionar sua natureza filosófica, científica e artística. O CISA-UL também foi desenvolvido no âmbito do projeto "A imagem na ciência e na arte". Ver em Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (s. d.).

A década de 1880, quando Lopes Mendes percorreu o Brasil, corresponde a uma época de acentuado prestígio da fotografia para a ciência, não apenas como registro documental, mas também como um aparato que certifica o visível ou dá a ver o invisível. É o que se exalta quando as imagens obtidas por meios fotográficos passam a fixar o movimento dos homens e da natureza, ampliar seres microscópicos, penetrar o corpo humano para radiografá-lo, desvendar passados remotos e distâncias longínquas nos céus ou na terra (Michaud e Savy, 1992).

O que, então, um recurso aparentemente banal como o desenho livre, desprovido de escalas, cortes, perfis e projeções, poderia oferecer a um viajante informado pela ciência e pela técnica, como Lopes Mendes? Fidelidade e exatidão? Ou também a observação sistemática, a interpretação de topografias e a sedimentação de experiências, preservando a "lógica do rigor" (Ramos, 2010, p. 57) na informação precisa e objetiva? Ou ainda, um aspecto não menos importante, a expressão de subjetividades que esse mesmo 'viajante-desenhador' tinha necessidade de compartilhar, conjugando na dialética percepção e recepção, a 'imparcialidade' e a 'singeleza' do traço? Os desenhos de Lopes Mendes inspiram a nossa reflexão sobre estas possibilidades.

UM POLITÉCNICO 'DESENHADOR'

Antonio Lopes Mendes nasceu a 30 de janeiro de 1835, filho de uma família de proprietários rurais da Vila Real, província de Trás-os-Montes, região norte de Portugal, berço agora conhecido do célebre Fernão de Magalhães, depois que um testamento desfez "todas as dúvidas a respeito do lugar do nascimento do insigne navegador trasmontano" (ALM, 28 mar. 1883 *apud* Geyer, 1988, p. 85). Lopes Mendes realizou na localidade os seus estudos primários, demonstrando desde cedo uma grande aptidão para o desenho, fato logo reconhecido pela comunidade local. Segundo Pedro

Augusto Ferreira (1833-1913), responsável pelo décimo primeiro e último volume do dicionário "Portugal antigo e moderno", ele teria pintado ainda em criança uma vista de sua terra natal no pano de boca do teatro de Vila Real (Leal e Ferreira, 1886, p. 1031-1034)⁹.

O amigo Augusto Cesar da Silva Mattos, ao escrever os "apontamentos biográficos" de Lopes Mendes, "um tipo extraordinário" sobre o qual há tempos "arquitetava uma narrativa", traçou assim o seu perfil:

Um indivíduo de estatura elevada, tez crestada, barba densa e longa, olhos encovados, maxilares proeminentes, olhar profundo, um sorriso vago e triste, poucas falas, e proferidas em um tom pouco acentuado, umas rugas precoces a sulcar-lhe o rosto, uma concentração obstinada a afastá-lo de tudo e de todos (Mattos, 1882, p. 1).

Em 1853, Lopes Mendes matriculou-se na Academia Politécnica do Porto, instituição regulamentada em 1837 (sucendo a Academia Real de Marinha e Comércio) e uma das precursoras da Universidade do Porto, criada em 1911. O sistema de ensino da Academia organizava-se, em seus primeiros tempos, em um curso geral, composto por onze cadeiras, agrupadas em três seções – a de Matemática, a de Filosofia e a de Comércio. Em 1885, um novo plano de estudos para a instituição passaria a incluir dois 'cursos especiais' – o de engenheiros civis (de obras públicas, de minas e industriais) e o de Comércio –, aos quais se associariam os 'cursos preparatórios' para a Escola Naval, as escolas Médico-Cirúrgicas e as escolas de Farmácia¹⁰. Embora esse sistema fosse semelhante ao existente na Universidade de Coimbra e, de modo geral, à formação oferecida na época aos engenheiros de muitos países, a Academia Politécnica do Porto, nesses primeiros tempos de existência, não tinha caráter universitário, contando com instalações modestas e carecendo do prestígio que só mais tarde se associaria ao nome da instituição.

⁹ O volume de 1886 inclui um artigo sobre a Vila Real de Trás-os-Montes que trata de Antonio Lopes Mendes.

¹⁰ Sobre a Universidade do Porto e seu centenário, ver Universidade do Porto (s. d.).

O fato é que Lopes Mendes, com os estudos superiores iniciados em uma Academia Politécnica, deixou o Porto e seguiu para a capital, matriculando-se no Instituto Agrícola de Lisboa, criado em 1852, no reinado de D. Maria II, e até hoje a maior e mais qualificada escola de graduação e pós-graduação em Ciências Agrárias do país. A lei de criação do Instituto estabelecia três graus de ensino, a fim de atender a três demandas distintas:

1) o ensino mecânico ou de ofício para os homens do campo, ganha-pães ou jornaleiros, verdadeiros instrumentos de lavoura; 2) o ensino artístico ou secundário, já mais elevado, ao mesmo tempo prático e teórico, com destino a feitores ou chefes de culturas; 3) o ensino superior e científico, principalmente destinado a agrônomos, indivíduos com preparação mais completa e estudo desenvolvido, habilitados a dirigir as grandes explorações agrícolas¹¹.

Neste último caso, enquadrava-se o jovem Lopes Mendes. O curso oferecido pelo Instituto Agrícola tinha a duração de quatro anos, comportando sete cadeiras. A formação em Agronomia, propriamente dita, estava concentrada no conteúdo da 7ª cadeira: Economia Agrícola, Administração e Contabilidade Rural, Artes Agrícolas, Legislação e Engenharia Rural. Às disciplinas oferecidas pelo Instituto, somavam-se aquelas cursadas previamente na Escola Politécnica de Lisboa, ou seja, Zoologia, Anatomia e Fisiologia Comparadas, além de Botânica, Fisiologia Vegetal, e o curso de Desenho do primeiro ano, bem como as disciplinas cursadas no Instituto Maynense, da Academia de Ciências de Lisboa, incluindo Elementos de Física, Química e Geologia Agrícola (Instituto Superior de Agronomia, s. d.)¹².

Mesmo antes de se graduar, Lopes Mendes já dava aulas na instituição, como ajudante do professor de desenho, tendo também participado de uma importante missão científica e agrícola ao norte de Portugal, em

1857, como adjunto à Comissão de Estudos Agrícolas do Continente. Dessa viagem, trouxe grande quantidade de desenhos retratando paisagens, monumentos e costumes de seu país (Rocha, 1990, p. 76). O jornal ilustrado *Archivo Pittoresco*, lançado no mesmo ano, publicaria, a partir de seu quinto volume, várias gravuras baseadas nesses desenhos, iniciando-se, assim, uma colaboração do politécnico com a imprensa ilustrada da época, portuguesa e estrangeira, que se estenderia por toda a sua vida (Figura 3).



Figura 3. Página de rosto da revista *Archivo Pittoresco*, ilustrada com uma “Vista da entrada do porto do Rio de Janeiro”, de autor desconhecido. Lisboa, 1857, ano 1, n. 1. Fonte: coleção particular.

¹¹ Lei de criação do Instituto Agrícola de Lisboa, 1852, *apud* Instituto Superior de Agronomia (s. d.), site da instituição onde se encontra um esboço de sua história.

¹² Ver também o prefácio de Rómulo de Carvalho, intitulado “Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa” (Carvalho, 1993).

Com formação enciclopédica e capacitação polivalente, típica dos politécnicos de seu tempo, Lopes Mendes se apresentaria como 'lavrador e médico-veterinário' depois de concluir o Instituto Agrícola, em 1858. O termo 'lavrador', neste caso, só pode ser aqui reproduzido se acompanhado pelas informações já indicadas sobre a formação abrangente que ele havia recebido. Quanto à condição de 'médico-veterinário', cabe esclarecer que essa nova especialidade fora recém-introduzida nos estudos superiores do país, com o concurso do próprio Lopes Mendes, depois da incorporação do Instituto Veterinário ao Instituto Agrícola de Lisboa (Mattos, 1882, p. 11). Já a aptidão para o desenho, um dos 'atributos do espírito' mais cultivados do século XIX (Bermingham, 2000) e que, no seu caso, manifestou-se bem antes da formação técnico-científica nas academias e nos institutos superiores, nunca deixou de ser uma ocupação intrínseca às demais, ainda que não tenha sido o seu principal meio de sobrevivência. Para Lopes Mendes, homem de ciências e politécnico, funcionário do Estado e empreendedor, o desenho representaria durante toda a vida uma forma de constituição e comunicação de experiências e saberes no exercício de múltiplas atividades profissionais e intelectuais.

Em agosto de 1862, ele embarcou para a Índia, contratado pelo Ministério da Marinha e Ultramar de Portugal para a primeira de uma série de missões relacionadas à inspeção, ao controle e à regulamentação de propriedades e atividades naquela antiga possessão. A chamada Índia Portuguesa, tendo Goa como capital, compreendia então os territórios do Oceano Índico ainda sob o domínio do Estado português, iniciado ali nos tempos de Vasco da Gama. Sediado em Goa, Lopes Mendes esquadrinhou todas essas possessões, permanecendo na região por quase uma década. Inspeccionou o uso do trigo no fabrico do pão, estabeleceu um regulamento para a exploração de florestas, formulou um programa de ensino de 'agricultura elementar', demarcou terrenos excluindo as matas do Estado, resolveu questões de limites entre arrendatários estrangeiros, analisou as condições de plantio

do algodão e de outras culturas, coligiu e organizou produtos agrícolas e industriais que deveriam figurar na Exposição Internacional do Porto (1865) e na Exposição Universal de Paris (1867), representando a Índia Portuguesa, traçou 'cartas corográficas' para compor um atlas da província de Satary e aldeias vizinhas, entre outras missões e comissões oficiais.

Um ano depois de chegar à Índia, publicou lá mesmo o seu primeiro livro, com o título "Apointamentos sobre a província de Satari do Estado da Índia Portuguesa" (Mendes, 1864). A obra, com 142 páginas de apontamentos textuais, não incluiu, contudo, o mapa da região de Satari traçado por Lopes Mendes com base na carta levantada por J. Carling, em 1814. Os desenhos que realizou no local, todos eles enviados para Lisboa juntamente com a obra, já impressa, também não foram estampados na publicação, pois, como declarou à época, "não temos aqui nem litografia, nem gravadores que possam gravar com fidelidade e precisão os desenhos originais" (Mendes, 1864, p. 3).

A carta que dirigiu ao Conde de Torres Novas, governador geral do Estado da Índia, em 26 de outubro de 1864, encaminhando relatórios, desenhos e plantas, exaltava a capacidade descritiva e a facilidade de apreensão do relato ilustrado:

(...) Fui tomando apontamentos de tudo que julgava interessante, com relação à agricultura e aos usos e costumes sataryenses, e desenhando os objetos, que sem o auxílio do desenho não seriam devidamente apreciados, quando a pena que os descreve não tem o vigor, a força, nem é movida pela inteligência que demandam descrições de tanta transcendência (Mendes, 1864, p. I).

A frase de Lopes Mendes revela uma profunda convicção no valor cognitivo da habilidade para o desenho, sugerindo-nos como fonte de inspiração a filosofia kantiana, na qual o "conhecimento transcendente" é todo aquele "que em geral se ocupa não tanto com objetivos, mas com o nosso modo de conhecer os objetos na medida em que este deve ser possível *a priori*" (Kant, 2005, p. 25). A filósofa Marilena Chauí (2005, p. 9), na introdução à clássica edição brasileira de "Crítica da razão pura" (1781), explica-nos:

Na 'Estética Transcendental', Kant define a sensibilidade como uma faculdade de intuição, através da qual os objetos são apreendidos pelo sujeito cognoscente. É necessário distinguir na sensibilidade — mostra Kant — dois elementos constitutivos: um material e receptivo; outro, formal e ativo. A matéria do conhecimento são as impressões que o sujeito recebe dos objetos exteriores, enquanto a forma exprime a ordem na qual essas impressões são colocadas.

Desenhar, para Lopes Mendes, foi sempre uma forma de conhecer e dar a ver esse conhecimento. Em 1871, com a saúde deteriorada, ele voltou para Portugal. Levava na bagagem, além dos serviços prestados em mais de cinquenta comissões e dos contatos pessoais estabelecidos na Índia Portuguesa, ou exatamente por causa disso, uma estreita vinculação com a política local em sua biografia, depois de ter sido eleito vereador à Câmara municipal das ilhas de Goa por sucessivas magistraturas. Em 1879, elegeu-se como deputado, representando as cidades de Mapuçá, Damão e Diu nas Cortes de Lisboa (o Parlamento, na monarquia portuguesa). Mas o que mais pesava na bagagem de volta eram os numerosos desenhos produzidos ao longo daqueles anos. O tema mereceu um comentário no jornal *Commercio do Porto*, em 16 de novembro de 1871:

Lopes Mendes ao partir para a Índia ia cheio de fé no futuro, como quem levava por bordão o trabalho, por guia a honra.

Se essa fé o iludiu não sei; mas quem não se iludiu foram os amigos que, de braços abertos, o receberam jubilosos, no regresso à pátria; e que examinaram com assombro os produtos de sua incansável atividade, durante os nove anos que se demorou naquelas regiões (...).

Como artista, por mais de mil vezes pousa a pena para tomar o lápis; e então é que é ver um riquíssimo tesouro.

Em mil desenhos, ou mais, passamos em revista, por assim dizer, a Índia inteira. Cidades, vilas, monumentos, edifícios cristãos e gentílicos, paisagens, festividades, cerimônias, tradições, instituições, usos, costumes, trajes e tipos, tudo copiado do natural, dão a ideia da incansável atividade, rápida concepção e fino critério de tão singular observador (Mattos, 1882, p. 12).

O resultado dessa experiência pessoal e profissional está consignado na obra "A Índia Portuguesa: breve descrição das possessões portuguesas na Ásia" (Mendes, 1886). Por sinal, Lopes Mendes encerra o segundo volume relacionando cronologicamente todos os postos e comissões para os quais foi nomeado ou eleito até ali. Os originais, incluindo duzentos e setenta e nove desenhos e sete mapas, foram encaminhados à SGL, para publicação, em 1881. No entanto, a impressão dos dois volumes só ocuparia as oficinas da Imprensa Nacional, "por ordem do Ministério da Marinha", como indicado na folha de rosto, cinco anos mais tarde. O amigo Antonio Augusto de Aguiar (1838-1887), ex-professor de química da Escola Politécnica, grão-mestre da Maçonaria, presidente da SGL e então ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria de Portugal, em ofício dirigido ao colega da Marinha e Ultramar, reiterou assim o pedido de apoio à iniciativa:

A obra, como V. Ex.^a naturalmente não ignora, tem verdadeiramente um caráter monumental: não só é uma interessantíssima e completa monografia da Índia portuguesa, estudada e elaborada quase toda sobre o terreno, permita-se-nos a expressão, como é o registro e repositório das memórias e padrões do nosso glorioso império indiano, muitos dos quais infelizmente desaparecidos já. É o livro de uma verdadeira e notável exploração científica, artística e estatística daquele Estado (*apud* Mendes, 1886, p. XIX).

O livro apresenta trezentos e oitenta e duas gravuras, das quais trinta e duas são "tiradas de fotografias, sendo as demais segundo desenhos do natural feitos pelo autor" (Mendes, 1886, p. III). Ainda antes de sua publicação pela SGL, Lopes Mendes comentou:

As nações, como os indivíduos, adiantam com as comunicações recíprocas, sendo, portanto, a associação considerada indispensável para o progresso, assim no que respeita às necessidades materiais, como ao desenvolvimento do espírito. Para se fazer ideia como esta proposição foi há milhares de anos praticamente resolvida, bastará ver a organização das comunidades agrícolas do Indostão, ainda hoje ali estabelecidas e por nós descritas no nosso livro intitulado *A Índia Portuguesa*, que se está publicando em Lisboa (ALM, 19 jan. 1883 *apud* Geyer, 1988, p. 69).

A SGL foi fundada em 1875, no contexto de afirmação da Geografia como disciplina emergente, diretamente envolvida nas disputas coloniais do momento, ou, como também se dizia, “para corresponder a essa febre de expedições científicas” (Mattos, 1882, p. 7). Afinal, como ressalta a própria SGL em seu histórico institucional, “em nome da ciência geográfica avançavam-se projetos de ocupação territorial a partir da África Ocidental, da África do Sul e das costas da África Oriental que criaram uma preocupação com o futuro das posições portuguesas em África” (Sociedade de Geografia de Lisboa, 2000, p. 3). A criação de uma Associação Africana Internacional, em Bruxelas, em 1876, sob a inspiração e o comando do rei Leopoldo II, sem a presença de representantes portugueses, já havia demonstrado claramente o quanto a ausência de delegados nesses fóruns poderia contribuir para a perda de posições estratégicas no mapa mundial. Dois anos depois, com o concurso da SGL, Portugal enviou delegados ao Congresso Internacional de Geografia, realizado em Paris, ocasião em que o domínio português na África foi novamente bombardeado pela diplomacia das potências europeias (Livingstone, 1992).

Ainda em 1876, a monarquia portuguesa criou uma Comissão Central de Geografia, instância de certo modo paralela à SGL, que, no entanto, quatro anos depois, foi incorporada à entidade, com o objetivo de

organizar expedições científicas, coligir exemplares e documentos que interessam ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da geografia, da história etnológica, da arqueologia, da antropologia e ciências naturais em relação ao território português, mormente das possessões do Ultramar; promover e auxiliar quaisquer trabalhos referentes a essas ciências e propor ao governo todas as providências tendentes a tornar mais e melhor conhecidas aquelas vastas e importantes regiões (Sociedade de Geografia de Lisboa, 2000, p. 5).

Em 1881, no Congresso Internacional de Ciências Geográficas, em Veneza, a SGL já estava plenamente inserida nos fóruns acadêmicos.

Nesse mesmo ano, a entidade organizou uma expedição à Serra da Estrela, em Portugal, e Lopes Mendes

estava integrado ao projeto, com o propósito de traçar a carta geográfica da região. É ainda o amigo e biógrafo Augusto Cesar da Silva Mattos quem comenta:

(...) As dificuldades da empresa não cabiam no tempo da expedição, nem na vontade de um só homem. Não veio a carta, mas vem um álbum repleto de desenhos. É o seu diário; os desenhos são as suas notas de viajante. Onde o desconhecido, aí [está] ávido e perscrutador o olhar de Lopes Mendes. Olhar d'uma fidelidade daguerreotípica; tudo vê, tudo reproduz; com uma exatidão inexorável.

É esta a maneira artística do seu talento; e seria talvez o maior defeito de seus desenhos, se não soubesse escolher, como artista, o ponto de observação (Mattos, 1882, p. 18).

O abade de Miragaia e autor do verbete dedicado a Lopes Mendes no dicionário “Portugal antigo e moderno” esteve como repórter do jornal *Commercio Portuguez* na expedição à Serra da Estrela, onde teve ocasião de “ver e admirar o seu primoroso lápis” (Leal e Ferreira, 1886, p. 1033). A expedição entraria para a história como um marco decisivo para o reconhecimento público do papel da SGL na sociedade portuguesa. Entre reuniões associativas, congressos internacionais e visitas ilustres, como a do imperador D. Pedro II, em 1877, sem falar no constante apoio oficial recebido pela entidade, a SGL consolidou-se como instituição de caráter científico essencial aos interesses do país na segunda metade do século XIX. Em 1884, quando se realizou a Conferência Internacional Africana de Berlim, seus associados eram também aqueles que representavam os domínios portugueses no continente africano.

Lopes Mendes, além de membro da SGL, afirmou-se como um dos precursores dos estudos comparativos em Geografia, publicando pela entidade não apenas o resultado de sua experiência, mas um exercício desse método por meio da obra “O Oriente e a América: apontamentos sobre usos e costumes dos povos da Índia portuguesa e comparados com os do Brasil” (Mendes, 1892). A data da publicação coincide com o ano em que o viajante depositou nos arquivos da instituição os manuscritos de

seu diário de viagem à América Austral, outro capítulo na biografia desse prolixo

viajante e explorador, distinto escritor público, mimoso paisagista, agrônomo, ex-professor do Instituto Agrícola, ex-deputado às Cortes, sócio efetivo da benemérita Sociedade de Geografia de Lisboa e cavalheiro estimabilíssimo [sic], tão modesto como ilustrado (Leal e Ferreira, 1886, p. 1032).

LOPES MENDES NO BRASIL

Desenhador e geógrafo, além de 'lavrador e médico-veterinário', Lopes Mendes fez do traço 'imparcial' e 'singelo' um método de trabalho, aliando a necessidade de expressão visiva da experiência pessoal e profissional à habilidade para a comunicação dessa experiência com o mundo exterior. A apreensão e a difusão de novos saberes técnicos e científicos, por meio do estudo das populações locais, seus hábitos e sua cultura, assim como da natureza e de seus incontáveis recursos, ensinava para viajantes como ele um conjunto de registros topográficos, etnográficos e históricos que precisavam ser ordenados e preservados, não somente na sua forma textual, mas também por meio de imagens realizadas d'après nature, posteriormente multiplicadas por meio de estampas gravadas ou litografadas. Nas expedições locais, nacionais ou internacionais, fossem elas exploratórias, científicas, comerciais ou essencialmente militares, o registro visual era então uma etapa fundamental do processo de conhecimento e de documentação de tudo que se queria estudar e registrar. Ao mesmo tempo, a imagem era também um suporte privilegiado para a organização de uma memória destinada a perenizar, difundir e legitimar essa experiência cognitiva (Martins, 2001; Driver e Martins, 2005).

Lopes Mendes desembarcou no Rio de Janeiro em 16 de outubro de 1882. Da chegada, guardou para si uma indagação: "em que parte do mundo os geógrafos e viajantes nos mostram uma baía tão ampla e formosa como a do Rio de Janeiro?" (ALM, 10 jan. 1883 *apud* Geyer, 1988, p. 61). Como outros viajantes da época, seu relato exprime a forte impressão causada pela paisagem carioca e, em especial, aquela "grandiosa baía":

Quando o navio fundeia no ancoradouro, a vista dirige-se naturalmente maravilhada em torno desta grandiosa baía sulcada de embarcações de todo gênero e de todas as potências marítimas do globo.

O que em primeiro lugar se oferece à contemplação e consideração do viajante é a disposição orológica das montanhas que circundam a baía, a exuberante vegetação que as reveste, as colinas semeadas de elegantes construções urbanas e de chácaras rodeadas de jardins; a indizível amenidade do ar atmosférico e a pureza das cristalinas águas da baía, aonde se reflete esta encantadora paisagem (ALM, 16 out. 1882 *apud* Geyer, 1988, p. 18).

Observando-se as Figuras 4 a 6, com desenhos realizados com o emprego do grafite sobre a folha de papel quadriculada de uma pequena caderneta de campo, a primeira impressão que se tem é a de que essas imagens são apenas esboços, dado que não apresentam grande detalhamento na definição de contornos, formas, volumes, contrastes e aparências. Esses traços de fatura aparentemente desprezíveis constituem, no entanto, um tipo específico de desenho. A palavra 'esboço' carrega em seu uso a noção de um delineamento rudimentar que se caracteriza por ser também a primeira etapa de uma obra mais elaborada. Os desenhos que compõem o relato de Lopes Mendes, distinguindo-se do desenho geométrico, projetivo ou arquitetônico, assim como do bosquejo artístico ou do desenho de imitação, não foram executados para, necessariamente, antecipar uma elaboração figurativa posterior. São desenhos que, em seu traço e em sua concepção, aproximam-se da prática do croqui (do francês *croquis*). Considerados individualmente, revelam composições cujo enquadramento, distância do objeto e ponto de vista do observador traduzem uma visão panorâmica (ou perspética); tomados em conjunto, constituem uma forma de interlocução e de narrativa na qual o viajante se posiciona de forma distanciada e abrangente. São desenhos que não se restringem à ideia de um delineamento prévio e sumário, pois compreendem também a noção de um processo mais amplo de apreensão do real pelo olhar e de expressão do pensamento pelo traço, como testemunho visual de um *savoir-faire*, com grande poder de síntese na fixação de um "pensamento plástico" (Rudel, 1999, p. 89).

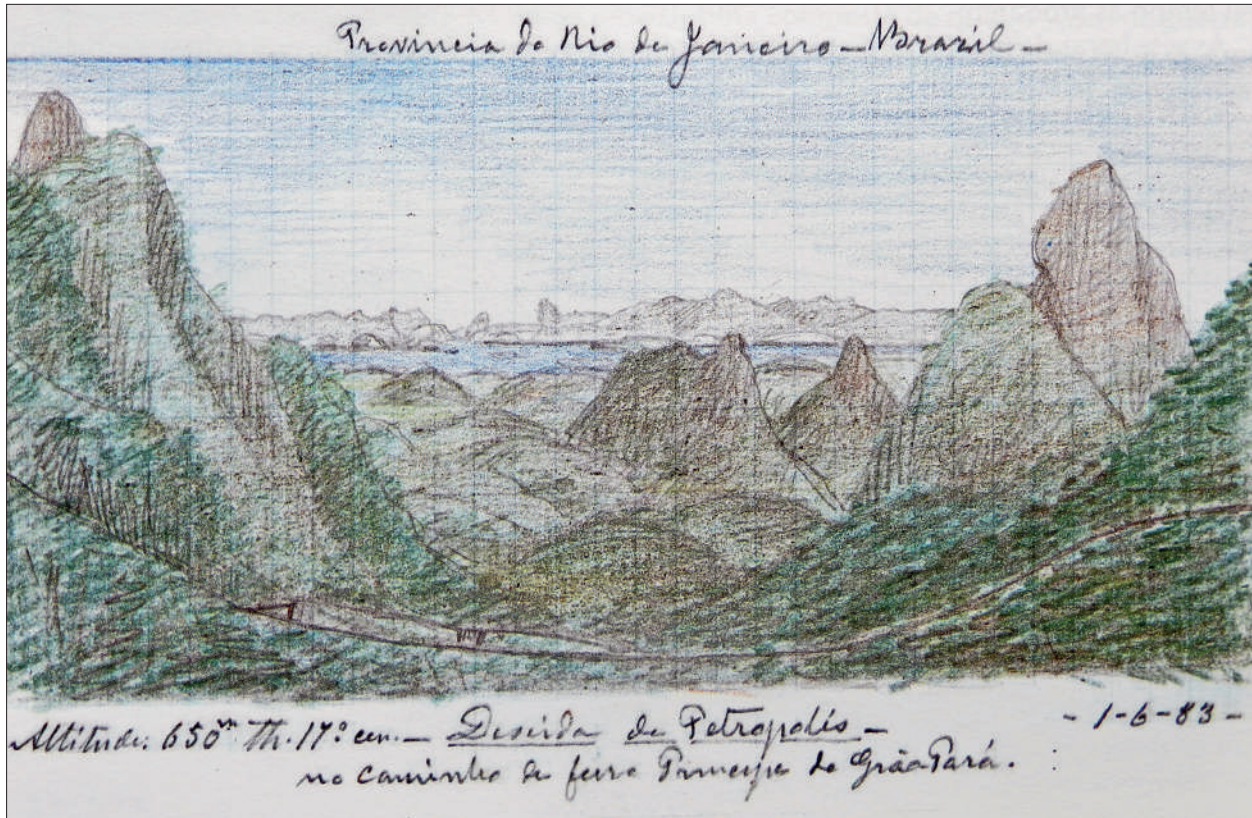


Figura 4. Antonio Lopes Mendes. Província do Rio de Janeiro – Brasil – Altitude 650 m. Th. 17° ce. Descida de Petrópolis no Caminho de Ferro Príncipe Grão-Pará. 1-6-83. Desenho a lápis (grafite e pastel), 7,8 x 16,0 cm. Coleção Geyer, Museu Imperial/Instituto Brasileiro de Museus, Petrópolis, Rio de Janeiro.

Um ano depois de chegar ao Brasil, quando deixava o país pelo porto de Belém, Lopes Mendes despediu-se agradecendo a maneira 'gentil' e 'cavalheiresca' com que fora recebido em toda parte. Por onde passou no Brasil, ele foi agraciado com a hospitalidade característica das formas de sociabilidade dirigidas aos viajantes bem-vindos (hospedagem, jantares, cartas de recomendação etc.). Foi recebido em audiência pelo imperador D. Pedro II, almoçou com personalidades como José do Patrocínio e encontrou-se com praticamente todos os presidentes de

província e autoridades locais. O projeto inicial da viagem, realizada com seus próprios recursos, como fez questão de ressaltar, compreendia um reconhecimento estratégico das riquezas naturais e oportunidades de negócio na América Central e do Sul, destacando-se, nesse percurso, a exploração científica do Atlântico ao Pacífico pela região do Amazonas. Entre um momento e outro, escreveu observações minuciosas sobre o país e comentários espirituosos acerca de brasileiros e portugueses¹³. No transcurso desse projeto, compilou informações em

¹³ "Dizem os entendidos em gastronomia americana que o peréréca [sic] é altamente venenoso! Se assim é, para que o empregam na alimentação? Será segredo de cozinheiro anarquista, de médico que precisa solicitar clínica para viver, ou especulação das agências funerárias? Talvez seja esta última hipótese, porque se houvéssemos ingerido mais uma colher da traidora sopinha, estamos certos de que, como dizia o satírico poeta, não precisávamos da receita de médico para do hotel passarmos imediatamente ao cemitério!" (ALM, 28 mar. 1883 *apud* Geyer, 1988, p. 84).

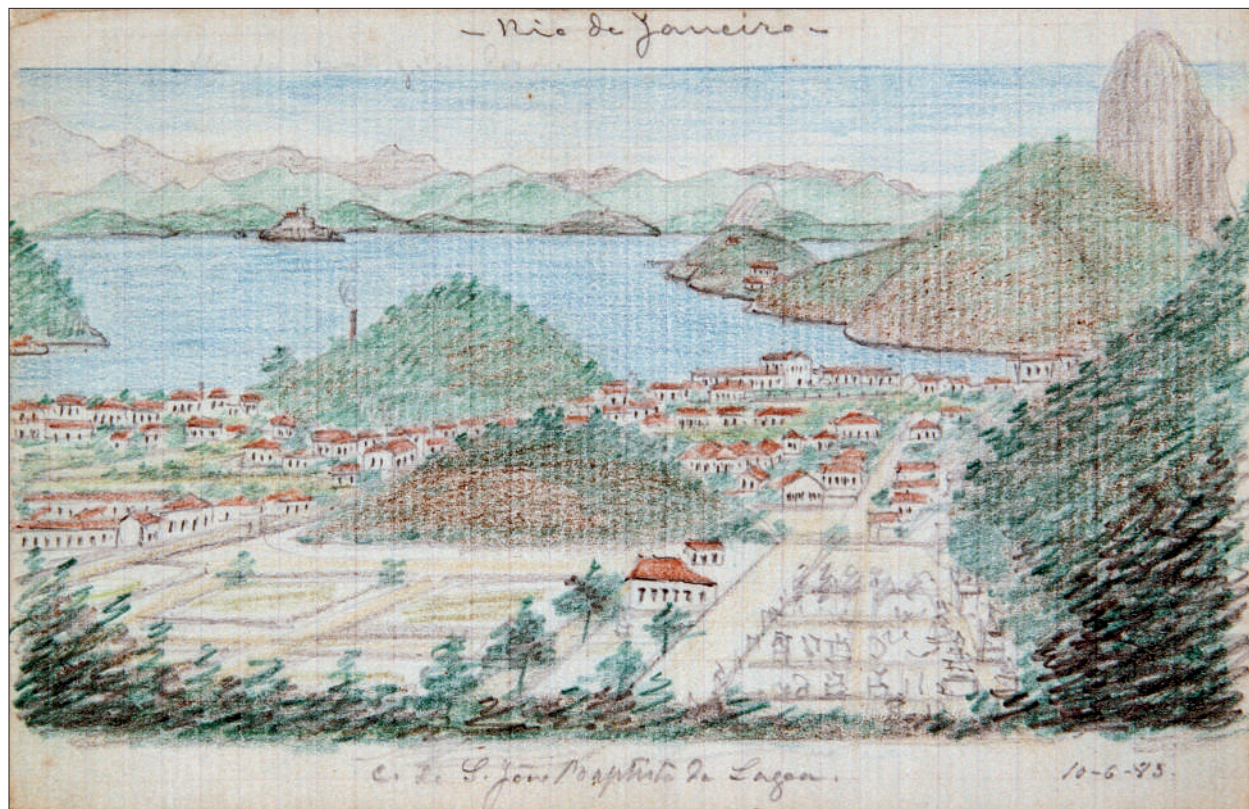


Figura 5. Antonio Lopes Mendes. Rio de Janeiro. C. [Cemitério] de S. João Baptista da Lagoa, 10 jun. 1883. Desenho a lápis (grafite e pastel), 8,5 x 16,0 cm. Coleção Geyer, Museu Imperial/Instituto Brasileiro de Museus, Petrópolis, Rio de Janeiro.

jornais, livros, documentos e entrevistas, descrevendo as cidades e regiões visitadas com impressionante riqueza de detalhes sobre sua história, corografia e população.

Na cidade de Belém, onde esteve pela primeira vez em julho de 1883, antes de seguir viagem pelo Amazonas, visitou repartições, hospitais, instalações militares, o Jardim Botânico, a Assembleia Provincial e, naturalmente, o Museu Paraense. Sobre a visita à instituição, não há um relato detalhado, mas é possível que os arquivos do Museu Goeldi ou jornais locais nos ofereçam hoje tais informações e, eventualmente, algum desenho produzido por Lopes Mendes na ocasião (ele também tinha o hábito de ofertar esboços àqueles que o pediam). As cartas, no entanto, denotam amplo conhecimento do sistema hidrográfico do Amazonas já descrito por exploradores que o antecederam (Domingos de Briebe, André Toledo, Pedro Teixeira,

La Condamine, Alexandre Rodrigues Ferreira e outros). O professor Benedito Nunes (1998, p. 25), ao tratar da “reinvenção da Amazônia” pela fotografia brasileira do século XX, comentou assim o papel das imagens visuais na exploração do território:

A descoberta da América se fez, em grande parte, pelas artes representativas – pelas imagens do desenho, da pintura propriamente dita e da gravura. Suplementando o discurso religioso, o discurso administrativo e a narrativa histórica, essas imagens, a cargo de viajantes, exploradores e cientistas, contribuíram, mais do que a literatura, até o final do século XIX, para uma primeira “invenção” da Amazônia.

Lopes Mendes chegou até a Amazônia, objetivo maior de sua expedição pela América, inspirado por essa ‘invenção’:

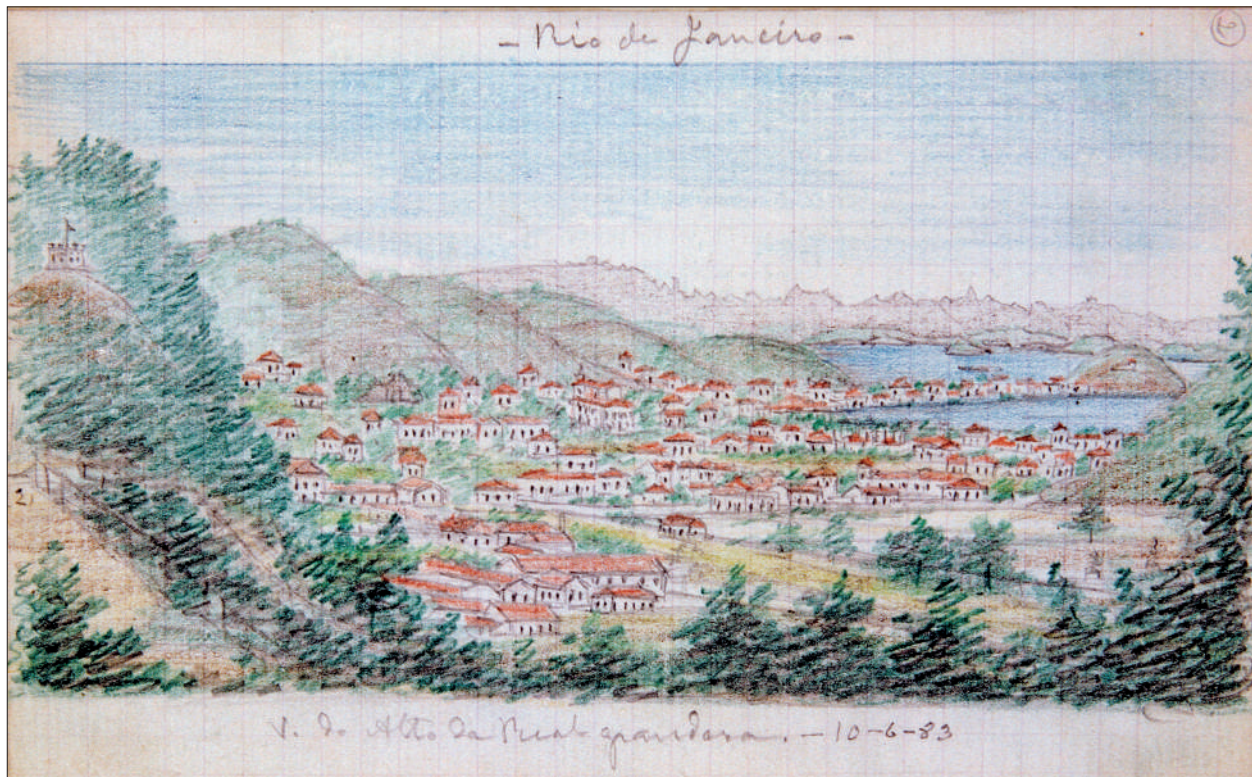


Figura 6. Antonio Lopes Mendes. Rio de Janeiro. V. [Vista] do Alto da Real Grandeza, 10 jun. 1883. Desenho (grafite e pastel), 8,5 x 16,0 cm. Coleção Geyer, Museu Imperial/Instituto Brasileiro de Museus, Petrópolis, Rio de Janeiro.

Esta província do Pará e a do Amazonas, que em breves dias tencionamos visitar com o único intuito de nos instruímos, sem intenções reservadas anteriores nem ultteriores, são as duas províncias brasileiras que oferecem um futuro mais grandiosamente comercial quando se constituir em uma nação rica, forte e colossalmente opulenta pelas inúmeras riquezas naturais que possui e pela sua vantajosa posição geográfica no globo (ALM, 23 jul. 1883 *apud* Geyer, 1988, p. 157).

Em outro trecho da narrativa, agora na foz do rio Negro, Lopes Mendes reitera a preferência pelo desenho como método de observação, documentação e memória da exploração científica (Figuras 7 e 8). O que, em seu caso, é também um “modo de viajar”:

A navegação do Amazonas é difícil, por causa dos numerosos bancos e grupos de ilhas, que ora aparecem, ora desaparecem, e que constituindo um verdadeiro labirinto, desorientam por vezes

o navegador, embora seja bom piloto e tenha adquirido em repetidas viagens a maior soma de conhecimentos práticos.

Tendo passado o ponto das pedras de Moróna, que é bastante largo e fundo, atravessamos para a ilha do Careiro, costeando-a até a ponta de cima, que defronta com Marapatá, na foz do rio Negro. Daqui, olhando para quaisquer dos pontos cardinais, perdem-se os horizontes na vasta planície aquosa, que não sabemos descrever por não possuímos os méritos suficientes de escritor. Em compensação, porém, esboçamo-la, e continuaremos, como até hoje, também a esboçar as paisagens e quanto julgarmos digno de ser desenhado, por estarmos convencidos de que os desenhos, geométricos que sejam, fornecem elementos comprovativos mais exatos do que as melhores descrições manejadas por homens de talento, de bom gosto e verdadeiros escritores.

O desenho é realmente de grande vantagem para quem, como nós, passa rapidamente por países desconhecidos onde não se pode obter informações precisas por falta de tempo.

Com esse nosso modo de viajar, praticamos um 'roubo' ao Brasil, bem o sabemos, levando do campo para o gabinete de trabalho a imagem de quanto vamos observando, para com o seu auxílio recordarmos as impressões recebidas durante a viagem (ALM, 24 jul. 1883 *apud* Geyer, 1988, p. 173).

Com o olhar aguçado por esse manancial de informações e experiências, os desenhos de Lopes Mendes, esboçados à mão livre na pequena caderneta de campo que levava a tiracolo, revelam seu contato com a realidade observada e a aguda preocupação de um artista do traço com a 'precisão' e a 'fidelidade fotográfica' das informações coletadas, próprias à documentação do explorador-cientista-politécnico. Data, hora, latitude e natureza dos terrenos

são complementos recorrentes de uma narrativa visual que vai sendo construída com o uso do lápis e da cor. O meio escolhido para concretizá-la é também o método por meio do qual Lopes Mendes procura assegurar a singularidade de sua experiência e a individualidade de seu olhar: "Pelos esboços que com esta carta remeto para Lisboa, a fim de serem publicados no Occidente, melhor ideia se fará da paisagem, da arquitetura da estação, do banquete e outros pormenores, do que pela mais perfeita descrição que deles fizéssemos" (ALM, 18 nov. 1882 *apud* Geyer, 1988, p. 41).

'Homem de ciência' e 'politécnico', dotado de grande sensibilidade para o mundo visual e um olhar adestrado por constantes deslocamentos espaciais, Lopes Mendes confrontou-se durante toda sua vida com

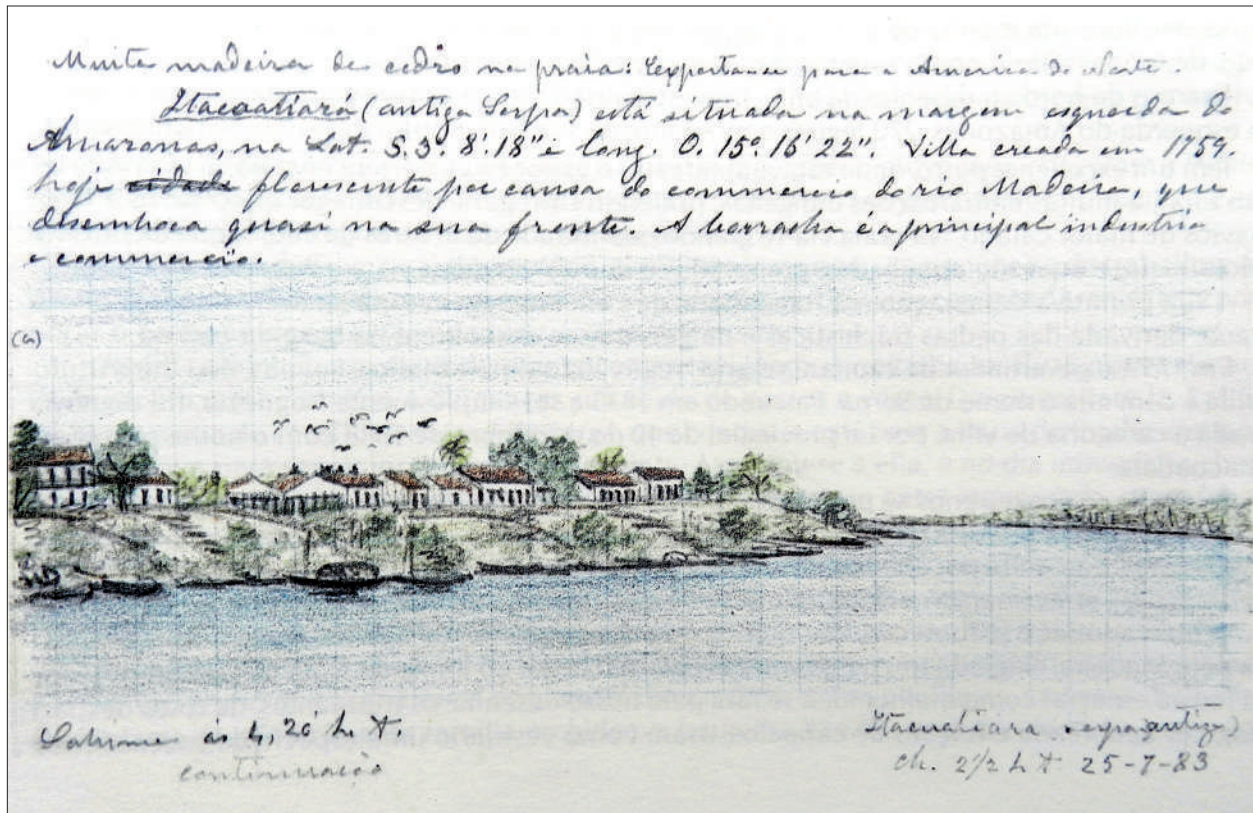


Figura 7. Antonio Lopes Mendes. Muita madeira de cedro na praia: exportam-se para a América do Norte. Itacoatiara (antiga Serpa) está situada na margem esquerda do Amazonas, na latitude S 3° 8' 18" e longitude O 15° 16' 22". Vila criada em 1759, hoje florescente por causa do comércio do rio Madeira que desemboca quase na sua frente. A borracha é a principal indústria e comércio. Ch. [Chegada] 2 1/2 h.t., saímos às 4.20 h.t. [horas da tarde], 25 jul. 1883. Desenho (grafite e pastel), 5,5 x 16,0 cm. Coleção Geyer, Museu Imperial/Instituto Brasileiro de Museus, Petrópolis, Rio de Janeiro.



Figura 8. Antonio Lopes Mendes. Amazonas – Palmeira Miriti – Assahy. Urucurituba 7 1/2 h.m., 25 jul. 1883. Cidade de Parintins, 24 jul. 1884. Casa do Gomes – Amazonas, 24 jul. 1883. Desenhos a lápis (grafite e pastel), 9,0 x 16,0 cm. Coleção Geyer, Museu Imperial/ Instituto Brasileiro de Museus, Petrópolis, Rio de Janeiro.

as exigências heurísticas da utilização de imagens visuais em atividades diversas da administração dos negócios do Estado e/ou particulares, ligados à exploração de fronteiras geográficas e recursos econômicos do império português. Em matérias que o agrônomo, médico-veterinário e administrador dominava plenamente com a expressão verbal e com o desenho técnico, empregou também esse meio convencional e aparentemente limitado para a construção e a comunicação do conhecimento e da experiência. Com o traço e a palavra, o lápis e a pena, ele perseguiu em seus desenhos à mão livre a “imparcialidade” e a “singularidade” presentes, segundo suas palavras (ALM, 18 out. 1882 *apud* Geyer, 1988, p. 26), em todos os seus estudos comparativos, garantindo assim um ‘lugar’ para esse tipo de imagem visual na criação e difusão de novos

saberes em disciplinas como a Geografia, a Economia, a Agronomia, a Antropologia e a História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As descrições textuais e visuais dos homens de ciência do século XIX, com notória sensibilidade para a expressão visual, têm, portanto, muito a nos dizer sobre a interdisciplinaridade do conhecimento, a circulação de inovações técnicas, os processos de apropriação e difusão de uma cultura artística pela ciência e vice-versa, amplamente demonstrável pela documentação iconográfica das viagens do período, hoje um patrimônio que, continuamente, alimenta e renova as trocas culturais entre indivíduos e comunidades. Por outro lado, as narrativas de histórias marítimas e viagens longínquas do

passado continuam seduzindo leitores não especializados, jovens ou adultos. No século XIX, coleções editoriais ilustradas e jornais com tiragem numerosa atestavam o fascínio por esse gênero de literatura e iconografia. No século XXI, um número ainda maior de endereços virtuais nos convida à exploração ilusória de tempos e espaços simulados pela arte e pela ciência.

A questão que se pretendeu ressaltar com este artigo não é apenas o legado que esses documentos, sem dúvida um valioso patrimônio iconográfico, representam para portugueses e brasileiros, mas também a apreciação que podemos fazer de tais desenhos como suportes materiais de uma experiência cognitiva singular. Experiência que, a seu modo, contradiz certas hierarquias e enquadramentos no mundo das imagens e das ciências. Os desenhos de Lopes Mendes, compondo observações de campo, relatos circunstanciados e uma forma de interlocução com o observador, demonstram para nós a interdisciplinaridade dos processos de constituição e comunicação do conhecimento científico e tecnológico pelas artes visuais. Por outro lado, esses desenhos são também plataformas que se abrem para novos estudos, comparativos e mais abrangentes, sobre o lugar da subjetividade e da exatidão entre as formas de constituição e comunicação de experiências e saberes no mundo das imagens e das ciências.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa concretizou-se graças ao intercâmbio de atividades profissionais e institucionais com os pesquisadores da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, por meio dos projetos “Fotografia científica: estudo da instrumentação e dos processos físico-químicos no século XIX – início do século XX”, coordenado pela Profa. Dra. Fernanda Madalena de Abreu da Costa, do Centro de Ciências Moleculares e Materiais, e “A imagem na ciência e na arte”, coordenado pela Profa. Dra. Olga Pombo, do Centro de Filosofia das Ciências, ambos com a participação da Profa. Dra. Maria Estela de Freitas Vera-Cruz Jardim, pesquisadora da história das ciências que tem

se dedicado também ao estudo da história da fotografia, a quem reitero aqui meus agradecimentos.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Carlos de. **Lopes Mendes no Brasil**: um diário inédito do autor de “A Índia Portuguesa”. Lisboa: Ministério do Ultramar, 1955.
- BELLUZZO, Ana Maria. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Metalivros/Fundação Odebrecht, 1994. 3 v.
- BERMINGHAM, Ann. **Learning to draw**: studies in the cultural history of a polite and useful art. London: Paul Mellon Centre for Studies in British Art; New York: Yale University Press, 2000.
- BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. **Les voyageurs photographes et la Société de Géographie, 1850-1910**. Paris, 1998.
- BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, n. 7, p. 481-583, 1894.
- CARVALHO, Rómulo de. **Museu Maynense**. In: Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa, 1993. Disponível em: <http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/antonio_gedeao/maynense.html>. Acesso em: 23 ago. 2012.
- CENTRO DE FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. **Projeto A Imagem na Ciência e na Arte**. Lisboa: Centro de Filosofia das Ciências da UL/FCT/FC/UL, 2008-2011. Disponível em: <<http://ica.fc.ul.pt/index.html>>. Acesso em: 14 maio 2013.
- CHAUÍ, Marilena. Vida e obra. In: KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 2005. p. 5-19. (Coleção Os Pensadores).
- DRIVER, Felix; MARTINS, Luciana (Eds.). **Tropical vision in an age of Empire**. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- FABRIS, Annateresa. A imagem técnica: do fotográfico ao virtual. In: FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia Bastos (Orgs.). **Imagem e conhecimento**. São Paulo: EDUSP, 2006. p. 157-178.
- FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. Center for Image in Science and Art – UL. [s. d.]. Disponível em: <<http://lisboncisa.fc.ul.pt/#>>. Acesso em: 14 maio 2013.
- FERGUSON, Eugene S. **Engineering and the mind's eye**. Cambridge: The MIT Press, 1992.
- GEYER, Paulo F. (Org.). **América Austral – um viajante português no Brasil: 1882-1883**: cartas de Antônio Lopes Mendes. Introdução de Paulo Berger. Rio de Janeiro: UNIPAR, 1988.
- INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA. Lisboa, [s. d.]. Disponível em: <<http://www.isa.utl.pt/home/node/268>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Coleção Os Pensadores).
- KERN, Maria Lucia B. Imagem manual: pintura e conhecimento. In: FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia Bastos (Orgs.). **Imagem e conhecimento**. São Paulo: EDUSP, 2006. p. 15-29.
- LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho; FERREIRA, Pedro Augusto. **Portugal antigo e moderno**: dicionário geográfico, estatístico, chorográfico, heráldico, archeológico, histórico, biográfico e etimológico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande número de aldeias. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira, 1886. v. 11, p. 1031-1034.
- LIVINGSTONE, David R. **The geographical tradition**: episodes in the history of a contested enterprise. London: Wiley-Blackwell, 1992.
- MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes**: o olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MATTOS, Augusto César da Silva. **Movimento geográfico em Portugal e Antonio Mendes**: apontamentos biográficos. Lisboa: Lalléant Frères, 1882.
- MENDES, Antonio Lopes. **O Oriente e a América**: apontamentos sobre usos e costumes dos povos da Índia portuguesa e comparados com os do Brasil. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1892.
- MENDES, Antonio Lopes. **A Índia portuguesa**: breve descrição das possessões portuguesas na Ásia. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886. v. 1.
- MENDES, Antonio Lopes. **Apontamentos sobre a província de Satari do Estado da Índia Portuguesa**. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1864.
- MENESES, Ulpiano B. Rumo a uma "história visual". In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sílvia Caiuby (Orgs.). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2005. p. 33-56.
- MICHAUD, Jean-Ives Mollier; SAVY, Nicole (Orgs.). **Usages de l'image au XIXe siècle**. Paris: Créaphis, 1992.
- MUSEU REGIONAL DE ÉVORA. **Exposição temporária de desenhos de Lopes Mendes e de fotografias de monumentos indianos**. Introdução de Mário T. Chicó. Lisboa, 1953.
- NUNES, Benedito. Amazônia reinventada. In: II FOTONORTE. **Amazônia – o olhar sem fronteiras**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1998. p. 19-38.
- POMBO, Olga; DI MARCO, Sílvia (Orgs.). **As imagens com que a ciência se faz**. Lisboa: Centro de Filosofia da Ciência da Universidade de Lisboa; Fim do Século, 2010.
- RAMOS, Artur. O desenho do natural na reconstituição arqueológica. In: POMBO, Olga; DI MARCO, Sílvia (Orgs.). **As imagens com que a ciência se faz**. Lisboa: Centro de Filosofia da Ciência da Universidade de Lisboa; Fim do Século, 2010. p. 57-68.
- ROCHA, Ilídio. Antonio Lopes Mendes: um trasmontano precursor da geografia moderna. **História**, Lisboa, v. 12, n. 127, p. 75-83, abr. 1990.
- RUDEL, Jean (Dir.). **Lestechiques de l'art**. Paris: Flammarion, 1999.
- SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA. **A Sociedade de Geografia de Lisboa (1875-2000)**: comemoração dos 125 anos. Lisboa, 2000.
- STICKEL, Erico João Siriuba. **Uma pequena biblioteca particular**: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial, 2004.
- TOPPER, David. Towards an epistemology of scientific illustration. In: BAIGRE, Brian S. (Ed.). **Picturing knowledge**: historical and philosophical problems concerning the use of art in science. Toronto: University of Toronto Press, 1996. p. 215-249.
- TURAZZI, Maria Inez. **Iconografia e patrimônio**: o Catálogo da Exposição de História do Brasil e a fisionomia da nação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.
- TURAZZI, Maria Inez. **As artes do ofício**: fotografia e memória da engenharia no século XIX. 1998. 306 f. il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- UNIVERSIDADE DO PORTO. **O Centenário**: história da Universidade do Porto. [s. d.]. Disponível em: <http://centenario.up.pt/ver_momento.php?id_momento=10>. Acesso em: 23 ago. 2012.

APÊNDICE. Obras publicadas por Antonio Lopes Mendes, em ordem cronológica

MENDES, Antonio Lopes. Informação acerca das matas e florestas da Índia, determinadas e coligidas em consequência das ordens do Governo. **Anais do Conselho Ultramarino**, Lisboa, Parte não oficial, 4ª série, p. 113-119, 1863.

MENDES, Antonio Lopes. **Apontamentos sobre a província de Satari do Estado da Índia Portuguesa**. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1864. IV-142 p.

MENDES, Antonio Lopes. Apontamentos sobre a província de Satari. **Anais do Conselho Ultramarino**, Lisboa, Parte não oficial, 6ª série, p. 45, 53, 57, 63, 71, 79, 87, 95, 1865.

MENDES, Antonio Lopes; RODRIGUES, José Maria; AREZ, Joaquim José Fernandes. **Relatório da comissão encarregada da demarcação dos terrenos da província de Satari**. 1ª Parte. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1866. 281 p.

MENDES, Antonio Lopes; RODRIGUES, José Maria; AREZ, Joaquim José Fernandes. **Relatório da comissão encarregada da demarcação dos terrenos da província de Satari**. 2ª Parte. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1866. 55 p.

MENDES, Antonio Lopes; RODRIGUES, José Maria; AREZ, Joaquim José Fernandes. **Relatório da comissão encarregada da demarcação dos terrenos da província de Satari**. 3ª Parte. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1866. 35 p.

MENDES, Antonio Lopes; RODRIGUES, José Maria; AREZ, Joaquim José Fernandes. **Relatório final da comissão encarregada da demarcação dos terrenos da província de Satari**. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1866. 156 p.

MENDES, Antonio Lopes; OLIVEIRA, José António; XAVIER, Filipe Nery. **Relatório acompanhado da relação dos objectos enviados à Comissão Central de Lisboa, diretora dos trabalhos preparatórios para a Exposição Universal de 1867 em Paris, pela Comissão do Estado da Índia Portuguesa**. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1866. VI-24 p.

MENDES, Antonio Lopes; MATTOS, Augusto César da Silva. **O Bussaco**. Lisboa: Lalléman Frères, 1874. XIV-131 p.

MENDES, Antonio Lopes. Estado de Goa. **Anais da Comissão Central Permanente de Geografia**, Lisboa, n. 2, p. 272-280, 1877. 1 mapa.

MENDES, Antonio Lopes. América Austral. Cartas escritas da América (...). **O Occidente**, Lisboa, v. 6, n. 146, p. 147, 156, 159, 160, 161, 1883.

MENDES, Antonio Lopes. **Apontamentos biográficos de D. Jorge Augusto de Melo**: publicados no jornal "As colonias portuguesas". Lisboa: Lalléman Frères, 1884. 26 p.

MENDES, Antonio Lopes. **A Índia portuguesa**: breve descrição das possessões portuguesas da Ásia. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa; Imprensa Nacional, 1886. 2 v.

MENDES, Antonio Lopes. **O Oriente e a América**: apontamentos sobre usos e costumes dos povos da Índia portuguesa e comparados com os do Brasil. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1892. 127 p.

MENDES, Antonio Lopes. América Austral. Cartas escritas da América nos anos de 1882 e 1883. **Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa**, 12ª série, n. 5-6, p. 227-310, 1893.

MENDES, Antonio Lopes. América Austral. Cartas escritas da América nos anos de 1882 e 1883. **Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa**, 12ª série, n. 9-10, p. 377-455, 1893.

MENDES, Antonio Lopes. América Austral. Cartas escritas da América nos anos de 1882 e 1883. **Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa**, 13ª série, n. 4, p. 201-290, 1894.

MENDES, Antonio Lopes. América Austral. Cartas escritas da América nos anos de 1882 e 1883. **Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa**, 13ª série, n. 7, p. 481-583, 1894.

MENDES, Antonio Lopes. D. Joaquim [Augusto de Barros], bispo de Cabo Verde. **O Occidente**, Lisboa, v. 17, n. 555, p. 123, 1894.

MENDES, Antonio Lopes. América Austral. Cartas escritas da América nos anos de 1882 e 1883. **Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa**, 15ª série, n. 5, p. 265-328, 1896.

MENDES, Antonio Lopes. América Austral. Cartas escritas da América nos anos de 1882 e 1883. **Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa**, 15^a série, n. 8, p. 491-568, 1896.

Obs.: Antonio Lopes Mendes também publicou artigos e/ou desenhos nos periódicos *Archivo Rural* (Lisboa), *Archivo Pittoresco* (Lisboa), *O Occidente* (Lisboa), *As Colônias Portuguesas* (Lisboa), *Ilustração Goana* (Nova Goa), *Le Brésil* (Paris), entre outros.